

O uso do conceito de organização em Herder e Moritz

Mario Spezzapria

Doutorando em Filosofia na USP e bolsista da CAPES.

"*Auch ich war in Arkadien!*" ist die Grabschrift aller Lebendigen in der sich immer verwandelnden, wiedergebarenden Schöpfung.

Nas *Ideias para a Filosofia da História da Humanidade* (1784), Johann Gottfried Herder sustenta a tese de que a análise das formas nas quais os organismos vivos se desenvolvem e o confronto das suas estruturas anatômicas permitem chegar a considerações sobre a existência de uma estrutura prototípica geral, e pensar que a natureza inteira opera segundo uma lei de desenvolvimento orgânico. O que é observável na natureza é a disposição, a organização (e, portanto, o ordenamento) de formas que continuamente geram outras formas, segundo uma ordem sempre crescente de complexidade. A obra foi acolhida muito positivamente por Goethe, muito próximo naqueles anos a Herder e seu trabalho. Podemos pensar que durante sua estadia na Itália (1786-1788) certamente os conteúdos da obra herderiana faziam parte das conversas que ele tinha com o amigo e compatriota Karl Philipp Moritz. Este publicaria em 1788 o ensaio *Sobre a imitação formadora do belo*, uma pesquisa sobre a natureza do belo e do poder criativo do artista, que acolhe o conceito de organismo como paradigma útil para a reflexão estética. Neste artigo pretende-se mostrar uma afinidade no modo pelo qual Herder esboça, a partir da ideia de organismo, uma teoria estrutural-morfológica, com a qual delineia uma nova antropologia, uma filosofia da história e o modo pelo qual Moritz reconhece como fundamento da mesma força criadora (*Tatkraft*) alguns elementos de estruturação e organização em comum entre natureza e arte enquanto *formadoras*.

Herder: organização e morfogênese

Em *Ideias para uma Filosofia da História da Humanidade* (1784), os conceitos de organização (*Organisation*) e disposição orgânica (*organische Anlage*) são centrais. Eles estão no fundo de quase todos os capítulos que compõem a obra, que consiste na tentativa de traçar uma antropologia e uma "história" do homem servindo-se de um paradigma orgânico e do *método analógico* que, segundo nosso autor, é o mais adequado para tal escopo. No segundo livro da primeira parte¹, Herder sustenta a tese de que da observação e comparação entre as criaturas, classificadas segundo o sistema de Lineu, e da constatação de que há continuamente muitas descobertas de novas espécies de aves, insetos, répteis e vermes, e nenhuma descoberta, em contrapartida, de espécies inteiramente novas de "animais terrestres", chega-se ao reconhecimento de um primeiro critério ordenador: "as classes de criaturas aumentam quanto mais se afastam do homem; quanto mais aproximam-se, tanto mais reduzem-se."² Outras observações mais articuladas permitem a nosso autor introduzir a hipótese – também pensável a partir da analogia com a natureza (em particular, da comparação entre as espécies) – da existência de um *protótipo orgânico*:

*Agora, é inegável que, não obstante cada diferença entre os seres vivos terrestres, em todo lugar parece dominar uma certa uniformidade de estruturas [Einformigkeit des Baues] e quase apenas uma forma principal [eine Hauptform], que se apresenta variada nas maneiras mais diferentes. A semelhança do esqueleto dos animais terrestres é surpreendente: cabeça, tronco, mãos e pés constituem no conjunto as partes principais; até os membros principais são formados segundo um único protótipo [nach einem Prototyp], submetido depois, por assim dizer, a inúmeras variações.*³

¹ As *Ideias para uma Filosofia da História da Humanidade* foram publicadas em diferentes momentos: a primeira parte (livros 1-5) apareceu em 1784, a segunda (livros 6-10) em agosto de 1785, a terceira (livros 11-15) em maio de 1787 e enfim a quarta (livros 16-20) em outubro/novembro de 1791. Sobre a cronologia da publicação, cf. HERDER, J. G. *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*. In: _____. *Werke*. Band 6. Hrsg. Bollacher, M. Frankfurt am Main: Deutsche Klassiker Verlag, 1989, "Zeittafel" p. 943-945.

² *Ibid.*, p. 72.

³ *Ibid.*, p. 73.

Na extrema variedade de *formas externas*, nas quais cada indivíduo se mostra, é, portanto, sempre possível reconhecer configurações orgânicas, esquemas de organizações, estruturas *internas*. Idealmente, as comparações entre indivíduos e "grupos de indivíduos" poderiam estender-se até o reconhecimento de um único protótipo, *eine Hauptform*. O aumento das observações, com efeito, não se traduz apenas na mera catalogação de um número sempre maior de modos e formas exteriores pelas quais as criaturas singulares diferenciam-se, mas tende a deixar *emergir* elementos comuns e afinidades estruturais.

Neste processo de determinação formal (*Bildung, Formung*) está em ação um "poder" *ordenador* e organizativo. As partes que compõem o todo, interagindo entre si, se dispõem sempre diferentemente, mantendo um equilíbrio provisório total, mas assumindo *configurações* em contínua mutação, nas quais não apenas desdobra-se a organização do real, mas se originam nossas próprias *produções* de significado, voltadas à interpretação daqueles mesmos mundos organizados e à orientação do nosso agir. Por isso, o reconhecimento de tal dinâmica está no fundamento da possibilidade do próprio método analógico:

*[...] devendo essa forma principal ser sempre variada segundo gêneros, espécies, determinações e elementos, um exemplar explica o outro. O que a natureza esboçou de maneira apenas acessória em uma criatura, ela executa, ao contrário, quase como em um desenho fundamental, em uma outra [...]. Quem quer estudar [as partes que compõem a criação] tem que estudar uma na outra; onde uma parte parece escondida e ignorada, ela reenvia a uma outra criatura, na qual a natureza desenvolveu esta mesma parte abertamente. Este princípio [Satz] também encontra a sua confirmação em todas as semelhanças entre seres diferentes entre si.*⁴

Retomando o tema do progressivo afastamento *exterior* das várias espécies animais e vegetais de um protótipo reconhecível *anatomicamente*, Herder afirma que:

⁴ *Ibid.*, p. 73-74.

Os anfíbios já começam a se afastar maiormente deste protótipo [*Hauptbilde*], e tanto mais se destacam as aves, os peixes, os insetos, as criaturas aquáticas, que enfim se disperdem no reino vegetal e mineral. Nosso olhar não pode chegar além. Todavia, a presença destas passagens torna verosímil que nos animais aquáticos e nas plantas, talvez até nos seres assim ditos inanimados [*totgenannten Wesen*], domina uma única disposição orgânica, [*eine und dieselbe Anlage der Organisation*], apenas em forma infinitamente mais tosca e confusa. Aos olhos do Ser eterno, que vê todas as coisas como em uma concatenação unitária [*einem Zusammenhang*], a forma [*Gestalt*] da partícula de gelo, que nasce, e do floco de neve que se forma a partir disso, talvez tenha uma relação que ainda é sempre um análogo [*ein analoges Verhältnis*] com a formação do embrião no colo materno. Podemos então admitir a segunda lei fundamental, ou seja: todas as criaturas, quanto mais estão perto do homem, têm na forma principal [*Hauptform*] uma semelhança maior ou menor com ele, e a natureza, mesmo na infinita variedade, que ela mostra preferir, parece ter formado cada ser vivente da nossa terra segundo um plasma principal da conformação orgânica [*Hauptplasma der Organisation*].⁵

Esta "segunda lei fundamental" completa a primeira: ao passo que na exterioridade e na variedade das manifestações as classes de criaturas se ampliam tanto mais quanto elas se afastam do homem, todavia a forma principal "esquelética" permanece maiormente reconhecível nas criaturas mais próximas ao homem (atualmente o organismo mais complicado), e é pensável que ela pertença a cada ser vivo na terra:

a natureza se serviu mesmo da figura externa para cobrir e mascarar a semelhança interna de estrutura. Quantos são os animais que de fora parecem tão diferentes de nós, mas no

⁵ *Ibid.*, p. 73.

interior, no esqueleto, nas partes mais importantes da vida e da sensibilidade, na ordem mesma dos seus órgãos vitais, são parecidos conosco da forma mais surpreendente [...]. A história filosófica da natureza para homens adultos tenta ver a estrutura do animal no interior e no exterior para confrontar-la com a sua forma de vida e individuar o caráter e a posição daquela criatura. Para as plantas, este método foi chamado de *método natural*, e para os animais também a *anatomia comparada* tem que conduzir ali. Com este método, o homem encontra naturalmente em si mesmo o fio condutor que o guia no grande labirinto da criação vivente [...]. Qual horizonte sobre a história dos seres semelhantes a nós e dissemelhantes abre esta perspectiva! Ela distingue os reinos da natureza e as classes das criaturas segundo os seus elementos e os conecta uns com os outros [...]. Então é verdade, de um ponto de vista anatômico e fisiológico, que através da inteira criação vivente da nossa terra domina analogicamente um só tipo de organicidade [*das Analogon Einer Organisation herrschel*]; só que quanto mais se afasta do homem, quanto mais o elemento da vida das criaturas é distante, a natureza sempre igual a si mesma tem que abandonar também nas suas criações orgânicas o protótipo [*Hauptbild*]. Quanto mais é próxima ao homem, tanto mais ela recolhe as classes e os raios, para unir no seu ponto central, no ponto sacro da criação, tudo o que ela pode fazer. Seja feliz, ó homem, da sua posição, e pesquise você mesmo, ó nobre criatura central e intermediária, em tudo o que vive em torno de você.⁶

Exemplo concreto das consequências da disposição orgânica é o caso da posição ereta no homem. Graças aos resultados de vários anatomistas e zoólogos, Herder sustenta que a posição ereta do homem – que depende da *forma, dimensão e estrutura* dos “órgãos motores”, braços e pernas – influi na estrutura do crânio, e com isso no cérebro do homem, permitindo em primeiro lugar aquele desenvolvimento do cérebro, até chegar à capacidade de expressar “a mais refinada força intelectual [*Denkungsart*]”.⁷ Nossa

⁶ *Ibid.*, p. 74-76.

⁷ *Ibid.*, p. 123.

"atividade do pensamento"⁸ depende assim, em primeiro lugar, *fisiologicamente* das condições orgânicas que permitiram o desenvolvimento do cérebro.

Agora, não só os organismos singulares considerados em si, mas a mesma *forma* de organização segue uma "regra" metamórfica de aumento de complexidade. Do confronto entre organismos vivos, Herder observa a "forma de organização elevar-se" (*die Form der Organisation steiger*⁹), e daí formula-se a hipótese de que na natureza domina um movimento de elevação (*Aufsteigerung*).

Na escada dos seres, a *elevação* corresponde a um aumento da *complexidade* da estrutura orgânica, e, como vemos, a um aumento da possibilidade de reconhecimento da "estrutura protótipo". O homem é o *atual* vértice na cadeia orgânica, já que é o organismo mais complexo e refinado, num sentido total: do lado químico e fisiológico, mas também do ponto de vista das faculdades sensíveis e intelectuais. Como nele a atividade formadora é desenvolvida sobretudo em *formas externas* mais elaboradas, refinadas e complicadas, e como na forma humana (*Menschengestalt*) nós homens reconhecemos uma *única* espécie, vértice da ordem hierárquica entre as espécies, mesmo no organismo humano é particularmente possível observar a emersão de um único "protótipo" orgânico *interno* subjacente às formas *externas*.¹⁰

Para não pensar que este mundo orgânico, na extrema variedade de suas formas, seja dominado pelo acaso, e para recorrer a uma solução *imane*nte, Herder pressupõe a existência de um estado *interno* das coisas, caracterizado pela incognoscibilidade em sentido absoluto. Tal estado-estrutura é apenas deduzível a partir da comparação entre as formas nas quais os organismos se mostram *exteriormente*. Para indicar este poder morfogênico-estruturante, ele recorre ao conceito de *força orgânica*, que em si é chamada de *invisível*. Isso causará a suspeita de Kant de que Herder esteja deslizando, mais uma vez, na metafísica¹¹. Todavia, pelo que foi dito até agora, deve-se tentar pensar a força

⁸ Termo com o qual Herder entende uma confluência de várias faculdades: "... segundo as diferentes relações, nós chamamos a força do nosso pensamento às vezes de fantasia [*Einbildungskraft*], às vezes de memória [*Gedächtnis*], às vezes astúcia [*Witz*], às vezes inteligência [*Verstand*]." *Ibid.*, p. 125.

⁹ *Ibid.*, p. 166.

¹⁰ Herder fala de uma "semelhança dominante do protótipo", *eine herrschende Ähnlichkeit der Hauptform* (*Ibid.*, p. 166).

¹¹ No "suplemento" da sua resenha à primeira parte das *Ideias* (publicada na *Allgemeine Litteraturzeitung*, 6 de janeiro de 1785), Kant afirma "não entender essa conclusão da analogia da natureza", e que Herder na realidade teria feito considerações de tipo *metafísico*. Kant observa que Herder recorre a um "reino

orgânica mais em analogia ao poder constitutivo da forma da organização do que como *princípio* vital. É verdade que Herder se exprime com termos que evocam o vitalismo, como quando ele "deduz" o conceito de *força orgânica* a partir da "constatação" de que "na natureza, onde há uma atividade [*Wirkung*], deve haver uma força eficiente [*wirkende Kraft*]", e que "onde há uma ação [*Wirkung*], deve haver uma força [*Kraft*]; onde há uma nova vida, deve haver um princípio da nova vida."¹² Todavia, as *Ideias* aparecem no conjunto como uma tentativa de traçar uma antropologia excluindo explicitamente o recurso ao aparato metafísico de princípios, fins e substâncias¹³; por esta razão, pode-se

invisível de forças eficientes e autônomas", e não se entende por que ele não situa a origem do poder pensante (espiritual) do homem, "sem o que, a construção da organização se levanta a partir do caos [...]" (KANT, I. "Rezensionen von J. G. Herders Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit". Teil 1. 2. In: _____. *Werke*, Band 8, Berlin und Leipzig: Walter de Gruyter & Co., 1923, p. 52. Tradução em português em KLEIN, J. T. "Kant e a primeira recensão a Herder: comentário, tradução e notas". In: *Studia Kantiana*, 13 (2012), p. 143-144). Para Kant, Herder entenderia tais "forças espirituais" [*geistige Kräfte*] como algo diferente da alma humana, e esta não como uma substância individual (ou seja, autônoma), mas o "efeito de uma natureza geral, invisível e viva, que atua sobre a matéria." (Kant, *Rezensionen*, p. 53; Klein, p. 144.) Naturalmente, do ponto de vista kantiano, tudo se reduz à metafísica, porque se tratam de considerações que exulam o campo de cada experiência possível: "Mas a unidade da força orgânica – enquanto auto formadora em relação à multiplicidade de todas as criaturas orgânicas e que atua em seguida de modo diverso e muito distintamente segundo a diversidade desses órgãos, o que constitui a diferença entre suas várias espécies e gêneros – é uma ideia que se encontra totalmente fora da doutrina observável da natureza e pertence unicamente à filosofia especulativa, mas, caso ela encontre entrada na última, provocaria grande devastação nos conceitos assumidos." (Kant, *Rezensionen*, p. 54; Klein, p. 144-145).

¹² *Ibid.*, p. 89.

¹³ É importante ressaltar como a perspectiva de Herder, fortemente influenciada por aprofundados estudos da filosofia de Espinosa, é imanente, ou seja tende a excluir o recurso a substâncias, finalidades e princípios: "Nenhum depois se deixa enganar pelo fato de que às vezes uso em sentido personificado a palavra natureza. A natureza não é um ser independente mas Deus é tudo nas suas obras [...]. E quem achasse que, através muitos escritos de nossa época, o termo 'natureza' se tornou sem sentido e mistério, pense em seu lugar naquela *força, bondade e sapiência onipotente* e nomeie na sua alma o ser invisível que nenhuma língua da terra pode nomear. O mesmo se diga, quando falo de forças orgânicas da criação: não acredito que as entenderá como *qualitas occulta*, ao passo que nós vemos perante nós

pensar que a preocupação principal do nosso autor no caso em questão seja de substituir o conceito de *causa* eficiente pelo de *força* eficiente, ou seja, de passar de um plano lógico-formal a um nível explicativo fisiológico-natural. De toda maneira, para não pensar que Herder faça sub-repticiamente recurso a um princípio, quando no conjunto das próprias argumentações parece excluir tal necessidade, é oportuno supor que com *força orgânica* Herder entende o próprio agir *organicamente* da "forma da organização", ou seja, o próprio organizar-se e estruturar-se das partes que compõem o todo orgânico.¹⁴

Moritz: a organização como fundamento de faculdade sensitiva (*Empfindungskraft*) e criativa (*Bildungskraft*)

Passando agora a Moritz e a seu ensaio *Sobre a imitação formadora do belo* (1788), é necessário antes de tudo esclarecer que o tema geral, a respeito da obra herderiana, é diferente: as *Ideias* de Herder são uma tentativa de apresentar uma nova antropologia e filosofia da história, baseadas no método analógico e na organização como estrutura fundamental do mundo natural e histórico do homem. O ensaio de Moritz trata sobretudo da estética; é uma reflexão sobre a natureza do belo e sobre o poder criativo do artista. Trata-se de uma obra complexa, na qual conflui uma grande variedade de temas. Nesta ocasião, não se pretende expor a totalidade dos argumentos tratados, mas apenas ressaltar uma certa afinidade entre Herder e Moritz a respeito do conceito de organização. É notória a centralidade, no ensaio moritziano, da ideia de força ativa e criadora (*Tatkraft*),

seus efeitos manifestos, e não saberia qual nome mais preciso, mais puro dar a eles." Herder, *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*, Vorrede (Weimar, 23 aprile 1784), p. 17. Com respeito à exclusão de cada finalismo, é verdade que Herder fala de "escopo da nossa existência atual" (*ibid.*, p. 187), mas trata-se todavia do que mostram nossas *disposições internas* e *externas*. Mesmo pelo fato de que os vários "mundos", e todas as partes que os compõem, sejam estrutural e dinamicamente correlatos, Herder parece indicar que o homem opera, na história, uma contínua atribuição de *sentido*, conforme às informações que cada vez (não se tratam de direções prefixadas) as correlações mostram entre as partes.

¹⁴ A testemunha da sobreposição entre estrutura e força orgânica, a força invisível opera como *série ascendente de forças*: "Em cada lugar opera não apenas uma conexão, mas também uma série ascendente de forças no reino invisível da criação, ao passo que nós a vemos operar perante nós no seu reino visível, nas formas organizadas." *Ibid.*, p. 168.

sobre a qual porém não nos aprofundaremos senão para mostrar como ela parece ser fundada na *organização*, e naquela prioridade da morfogênese sobre a força que nós vemos em Herder.

O ponto principal da reflexão moritziana é a reformulação do conceito de belo. Moritz dedica uma parte considerável de seu ensaio à análise da correlação dinâmica entre faculdade sensitiva (*Empfindungskraft, Empfindungsvermögen, Empfindungsfähigkeit*) e criativa (*Bildungskraft*), as duas maneiras pelas quais o homem experimenta o "belo": ou reconhecendo a beleza, por meio do "gosto"¹⁵, nas obras de arte já existentes, ou participando em primeira pessoa da criação de obras belas. Em realidade, estes dois momentos são a expressão de uma única dinâmica:

capacidade formadora [Bildungskraft] e capacidade sensitiva [Empfindungsfähigkeit] comportam-se reciprocamente como o homem e a mulher; pois a capacidade formadora é, no primeiro germinar da obra e no ápice do supremo gozo, ao mesmo tempo também capacidade sensitiva, e, como a natureza, gera por si mesma a reprodução de sua essência.¹⁶

Não obstante os dois modos de experiência do "belo" (como percepção do belo e como produção criativa, que não é mera reprodução do belo) sejam estreitamente correlatos (trata-se de uma relação fecunda: eles, com efeito, "se comportam

¹⁵ Para Moritz o belo não é conhecível mediante o uso da razão, porque "falta completamente à razão um termo de comparação para poder julgar e observar o belo [...]. Consequentemente, o belo não pode ser conhecido: deve ser produzido – ou sentido. Já que, com efeito, faltando totalmente um termo de comparação, o belo não é objeto da faculdade do pensar, nós deveríamos, se formos incapazes de produzi-lo, renunciar totalmente ao seu gozo, pois não podemos agarrar-nos a nada que se aproxime a ele fora de um menos-belo – se, porém, não houvesse algo em nós que substituísse o ofício da força que o produz, algo que chegasse o mais próximo possível a ela, sem identificar-se com ela: e isso é o que nós chamamos de gosto [*Geschmack*], ou capacidade do sentimento [*Empfindungsfähigkeit*] do belo [...]" MORITZ, K. P. *Über die bildende Nachahmung des Schönen*. In: _____ *Werke*. Günter, H. (Hrsg.). Band 2. Frankfurt a. M.: Insel Verlag, 1981, p. 564-565.

¹⁶ *Ibid.*, p. 568, grifo meu.

reciprocamente como o homem e a mulher”), Moritz insiste particularmente na importância do reconhecimento da diferença entre as duas capacidades: confundi-los é com efeito causa do “deslumbramento” e das “falências”¹⁷. Essencial às duas capacidades é o fato de que elas operam “organicamente”. Elas geram por si mesmas a reprodução de sua essência (*Abdruck ihres Wesens*)¹⁸:

*a capacidade sensitiva assim como a formadora são, portanto, radicadas no fino tecido da organização, na medida em que esta, em todos seus pontos de contato, reproduz integralmente, ou pelo menos quase integralmente, as relações do grande todo da natureza.*¹⁹

Capacidade sensitiva (gosto para o belo) e formativa (criação do belo) reproduzem “as relações do grande todo da natureza” graças ao fato de serem elas próprias “fundadas [*gegründet*] no fino tecido da organização”. A organização é, portanto, fundamento comum seja do gosto para o belo, seja da criação do belo; ademais, rende possível a mesma analogia das capacidades sensitivo-criativas com a natureza e seu “funcionamento”, ou seja, com o modo “estrutural” pelo qual ela age “gerando a reprodução de sua essência”. Dito de outra maneira, entre natureza formadora e atividade artístico-criativa *há* uma analogia estrutural, que é a própria capacidade organizativo/dispositiva, *que é por sua vez fundamento do reconhecimento da analogia mesma*.

¹⁷ Quando Moritz fala de “falências”, pretende referir-se ao objetivo principal do artista, que é a criação da obra “bela”: “Se, com efeito, o órgão não é tecido finamente o bastante para que ele possa oferecer ao grandioso fluxo da natureza tantos pontos de contato quanto é preciso para poder espelhar completamente em menor escala todas as grandes relações presentes nele, mas nos falta apenas um ponto para fechar o círculo, em tal caso nós teremos, em lugar da capacidade de criar, só a capacidade de sentir o belo; cada tentativa nossa de representá-lo exteriormente seria destinada a falir e nos deixaria tanto mais insatisfeitos quanto nossa capacidade de sentir se aproximasse à capacidade de criar o que nos falta.” MORITZ, *Über die bildende Nachahmung des Schönen*, p. 565.

¹⁸ *Ibid.*, p. 568.

¹⁹ *Ibid.*, p. 568, grifo meu.

A palavra *Organisation* (organização) neste texto é frequentemente associada ao termo *Gewebe* (tecido, trama). Para Moritz, é uma estrutura psicofísica que no homem se exprime em um conjunto de forças correlatas entre si²⁰. Todavia, em um nível mais fundamental, analogamente ao que acontecia nas *Ideias* de Herder, nosso autor parece sugerir que seja o caráter "orgânico-estrutural" das forças aquilo que permite que a *criação* seja uma *formação* (criação *de formas*), ou seja, que o ato criativo, tanto na natureza como na arte, só possa se expressar como *morfogênese*. Na palavra alemã *Bildung* nós encontramos juntas "indissolivelmente" a ideia de criação e aquela de formação.

Excluindo obviamente que o valor estético de uma obra de arte consiste na imitação meramente reprodutiva da cópia (esta é, com efeito, uma das teses principais do ensaio inteiro), a *bildende Nachahmung* é uma bela imitação da natureza não "simplesmente" pelo fato de que o artista age *como* a natureza, mas sobretudo por que agindo como a natureza (orgânica) ele opera segundo uma criatividade que se exprime essencialmente em formas que se organizam. É o fundamento no "fino tecido da organização" que torna a atividade artística auto-organização e, portanto, auto-formação.

Considerada sob uma outra perspectiva, ou seja, do ponto de vista da relação entre o todo e as partes, a organização pode ser também entendida como relação entre macrocosmo (o "grande todo" da Natureza) e microcosmos, totalidades singulares em si conclusas (as obras de arte). Mais uma vez, trata-se de uma analogia estrutural que funda a mesma capacidade por parte do artista de imitar *como a natureza*, agindo de maneira estruturalmente análoga a como a arte opera; e por isso, como falamos, ela está no fundamento da reelaboração do conceito de imitação. Se o artista cria de maneira *análoga* à natureza, seguindo a mesma lei, operando segundo uma estrutura de fundo análoga, é, todavia, excluído que tal analogia estrutural entre macrocosmo (natureza) e

²⁰ "A *Organisation* é aquela particular estrutura psicofísica (também dita [...] *Organ*, órgão) que na pessoa do gênio coordena todas as forças do corpo e da alma, fazendo dele um 'criador' além de um 'representador', possuindo nele mesmo, no mais alto grau possível, a força criadora da natureza. Ele é assim o homem mais próximo à natureza e tem a capacidade (*Kraft, Vermögen*) de produzir formas por imitação da lei criativa natural. Trata-se, porém, de uma imitação não formalmente passiva (come acontecia na poesia descritiva segundo o cânon *ut pictura poësis*) mas ativa, enquanto é imitação do processo criativo da natureza; uma imitação, portanto, que possui força operante (*Tatkraft, tätige Kraft*)." MORITZ, K. P. Dell'imitazione raffigurativa del bello. In: GOETHE, J. W. *Viaggio in Italia*. Castellani, E. (trad.). Milano: Mondadori, 1983, p. 598-607, nota do editor na p. 772.

microcosmos (obras de arte) possa ser representada nas formas por uma direta correspondência, perfeito espelhamento:

Agora, na medida em que esta mera força operante é fundada no fino tecido da organização [diese bloß tätige Kraft in dem feinem Gewebe der Organisation sich gründet], pode-se dizer em geral que o órgão mesmo seja, em todos seus pontos de contato, uma cópia das relações do grande todo, sem ser requerido aquele grau de acabamento [Vollständigkeit] que pressupõem a faculdade sensitiva e a formadora.²¹

Tratam-se, como acontece na natureza, de "relações que tendem a se expandir novamente em todas as direções":

Com efeito, entre as relações da grande totalidade que nos circunda, aquelas que coincidem com todos os pontos de contato da nossa organização são tão numerosas que nos fazem aperceber obscuramente em nós esta totalidade, sem, porém, que possamos nos identificar nessa totalidade. Estas relações tecidas no interior do nosso ser tendem a se expandir novamente em todas as direções [streben, sich nach allen Seiten wieder auszudehnen]; o órgão deseja se expandir [fortzusetzen] em cada direção até o infinito. Ele quer não apenas espelhar em si o todo circundante, mas ser ele próprio, na medida do possível, este mesmo todo.²²

Tanto para Moritz como para Herder (que percebia na natureza a mesma "forma da organização se elevar"), a atividade orgânica aparece, portanto, caracterizada pela expansão e aumento em complexidade. Por isso, uma abertura de espaço "informe", "in-

²¹ MORITZ, *Über die bildende Nachahmung des Schönen*, p. 568.

²² *Ibid.*

formado", "in-exprimido" é essencial à criação-organização, ao mesmo modo pelo qual na natureza a morte é essencial à "vida orgânica". Prosseguindo a analogia com a natureza, Moritz apresenta "uma visão substancialmente trágica da atividade criadora: esta está sujeita à mesma lei que anima a criatividade da natureza em um contínuo processo, no qual as formas mais organizadas destroem aquelas menos organizadas, para chegar à forma que tem a melhor 'organização' (ou seja, articulação orgânica)."²³ O órgão é uma relação com o todo, uma reelaboração de substâncias "inferiores" que prevê a morte, a destruição:

Por esta razão cada organização superior, segundo sua natureza, toma posse da organização que é a ela subordinada, e a transfere no mesmo ser. A planta toma posse, com seu mero transformar-se e crescer, da matéria inorgânica; o animal toma posse da planta, com o transformar-se, crescer, e fruir dela; o homem não só transforma animais e plantas, com o seu transformar-se, crescer, e fruir deles, na sua essência íntima, mas através da superfície de seu ser, lúcida, levigada e espelhante mais do que as outras, compreende também no âmbito da própria existência tudo o que é subordinado à sua organização e, quando o processo formador do seu órgão tiver chegado à perfeição, embeleza extrinsecamente a totalidade.²⁴

As considerações de Herder e Moritz sobre a possibilidade de expandir em âmbitos diferentes (antropologia, história, estética) reflexões sobre objetos e métodos originariamente próprios do campo da observação da natureza (possibilidade que, como vemos, os dois consideram fundada na analogia: organização das partes e comparação entre as partes são correlatos de uma consideração imanente da relação entre o todo e as partes) evitam o recurso à aparelhagem metafísica de princípios, fins e substâncias e

²³ MORITZ, K. P. Dell'imitazione raffigurativa del bello. In: GOETHE, J. W. *Viaggio in Italia*. Castellani, E. (trad.). Milano: Mondadori, 1983, p. 598-607, nota do editor na p. 772.

²⁴ MORITZ, *Über die bildende Nachahmung des Schönen*, p. 569.

sugerem considerar os "objetos" de tais disciplinas (homem, obras de arte) como formas organizadas, e estas "novas" disciplinas como reflexões sobre a maneira de auto-organização das formas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HERDER, J. G. *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*. In: _____. *Werke*. Band 6. Hrsg. Bollacher, M. Frankfurt am Main: Deutsche Klassiker Verlag, 1989.

KANT, I. "Rezensionen von J. G. Herders Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit". Teil 1. 2. In: _____. *Werke*, Band 8, Berlin und Leipzig: Walter de Gruyter & Co., 1923, p. 43-66.

KLEIN, J. T. "Kant e a primeira recensão a Herder: comentário, tradução e notas". In: *Studia Kantiana*, 13 (2012), p. 121-147.

MORITZ, K. P. Dell'imitazione raffigurativa del bello. In: GOETHE, J. W. *Viaggio in Italia*. Castellani, E. (trad.). Milano: Mondadori, 1983, p. 598-607.

MORITZ, K. P. *Über die bildende Nachahmung des Schönen*. In: _____. *Werke*. Günter, H. (Hrsg.). Band 2. Frankfurt a. M.: Insel Verlag, 1981, p. 549-57.